

UM ACONTECIMENTO, TRÊS NOTÍCIAS: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA CAPA DE TRÊS JORNAIS CARIOCAS SOBRE A “PASSEATA DOS CEM MIL”

Milena Ferreira Hygino Nunes (UENF)

milena.hygino@gmail.com

Silvia Lúcia dos Santos Barreto (UENF)

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar estratégias discursivas utilizadas por diferentes jornais para corroborar sua política editorial sobre um mesmo acontecimento: a “Passeata dos Cem Mil”. Os objetos de análise são as capas da edição do dia 27 de junho de 1968 dos veículos cariocas *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *Correio da Manhã*. Verifica-se que os recursos discursivos marcam o posicionamento do enunciador e indicam diferentes modos de ver o acontecimento, contrariando, assim, a natureza neutra e imparcial do que prega o jornalismo e reforçando que todo discurso é uma construção da realidade. O presente artigo tem como objetivo analisar estratégias discursivas utilizadas por três diferentes jornais para corroborar sua política editorial sobre um mesmo acontecimento: a “Passeata dos Cem Mil”. Os objetos de análise são as capas da edição do dia 27 de junho de 1968 dos veículos cariocas *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *Correio da Manhã*. Verifica-se que os recursos discursivos marcam o posicionamento do enunciador e indicam diferentes modos de ver o acontecimento, contrariando, assim, a natureza neutra e imparcial do que prega o jornalismo e reforçando que todo discurso é uma construção da realidade.

Palavras-chave:

Discurso jornalístico. Análise do Discurso. Passeata dos Cem Mil.

1. Introdução

A visão que se defende neste artigo é a do discurso como construção da realidade. Os jornais especificamente, por meio de estratégias discursivas, marcam o seu posicionamento político-editorial, corroborando o que afirma Sardelich (2006): “Quase tudo do pouco que sabemos sobre o conhecimento produzido nos chega pelos meios de informação e comunicação. Estes, por sua vez, também constroem imagens do mundo” (SARDELICH, 2006, p. 451). Ao refletir sobre a afirmação anterior, questionamentos quanto ao discurso jornalístico são inevitáveis, não só por parte dos profissionais de imprensa, mas também dos acadêmicos e da sociedade, devido à influência que esse exerce, em vários aspectos.

Após um profícuo período de estudos sobre Análise do Discurso,

imagem e memória, estudos culturais, entre outras disciplinas, decidiu-se escolher como linha de pesquisa “Literatura e Comunicação: memória, poesia e narrativa nos meios de comunicação”, com foco na construção do acontecimento midiático. Como objeto de análise, escolheu-se a capa de três jornais cariocas – *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *Correio da Manhã* – sobre a Passeata dos Cem Mil, cujo recorte foi a edição do dia 27 de junho de 1968, um dia depois do acontecimento. A edição de todos os três veículos analisados foi obtida na Biblioteca Nacional, por meio da hemeroteca digital e do arquivo de microfilmagem da instituição.

O motivo que levou à escolha da capa sobre a Passeata dos Cem Mil para análise foi o fato de este acontecimento ter sido reavivado no protesto que ocorreu no Rio de Janeiro, no dia 17 de junho de 2013, quando alguns veículos de comunicação o denominaram “A nova marcha dos cem mil”. Os 45 anos que separam a marcha da passeata carregam muitas diferenças, tanto motivacionais quanto de cobertura da mídia. Foram as diferenças de cobertura o grande despertar para a análise. Com a internet e as mídias alternativas, a marcha de 2013 teve uma ampla cobertura, feita sob diversos pontos de vista. À época da Passeata dos Cem Mil, ao contrário, os meios de informação eram rádio, jornal e televisão, pertencentes a grandes redes de empresas de comunicação que impunham o seu ponto de vista político-editorial aos ouvintes, leitores e telespectadores, que não tinham outras opções de fonte de informação e, assim, viam a notícia, ainda mais do que veem hoje, como retrato da realidade.

O jornalista Felipe Pena (2008) explica que, até hoje, a comunidade jornalística defende a teoria do espelho, que concebe as notícias como reflexo da realidade, porque “dá legitimidade e credibilidade aos profissionais da comunicação” (PENA, 2008, p. 126). Por esse motivo, a maioria dos leitores, erroneamente, vê a notícia como espelho da realidade, quando, na verdade, trata-se da construção social de uma suposta realidade. Se a imprensa não reflete, mas, sim, ajuda a construir a realidade, de acordo com o que é noticiado, o discurso jornalístico, cuja atividade é de interesse público e tem responsabilidade social, precisa ser analisado.

Para sustentar a análise deste artigo, utilizou-se a Análise do Discurso (AD), a partir de teóricos como Charaudeau (2009), Maingueneau (2008) e Orlandi (1990), entre outros. A Teoria do *Newsmaking*, fundamentada em Pena (2008, 2012) e Traquina (2004), principalmente, também constituiu o arcabouço teórico deste trabalho.

É importante, já de início, advertir que não cabe aqui, e nem foi intenção do estudo que resultou neste artigo, apontar que veículo jornalístico diz a verdade sobre o acontecimento, uma vez que, para a Análise do Discurso – teoria que embasa este artigo – todo discurso é fruto de uma prática social, levando-se em consideração como o texto significa, e não o que significa; os sentidos são produzidos a partir de uma soma entre o que é linguístico e o que é não linguístico, indo além dos conhecimentos contextuais, enciclopédicos e interativos. Por isso, “[...] a análise do discurso não busca ‘o’ sentido verdadeiro do texto, nem ‘o’ seu sentido oculto, nem ‘a’ interpretação nova e inédita destinada a derrubar todas as outras interpretações e todos os outros sentidos” (FIORIN, 1990, p. 173), porque o discurso é heterogêneo.

2. O discurso jornalístico como construção da realidade

2.1. Reflexões acerca da Análise do Discurso

Para a Análise do Discurso, nenhum discurso é neutro, pois é fruto de uma prática social. Quando falamos, agimos sobre o mundo e construímos uma interpretação e uma “vontade de verdade”. A partir disso, é possível explicar como um mesmo acontecimento – a Passeata dos Cem Mil – tornou-se três notícias diferentes, levando-se em consideração as condições em que o texto foi produzido, ou seja, o contexto, visto pela Análise do Discurso como parte constitutiva do sentido.

Mainueneau (2008, p. 52-6) explicita as principais características do discurso: é uma organização situada para além da frase; é orientado, não só por ser concebido por uma perspectiva de um locutor, mas também por se desenvolver de maneira linear; é uma forma de ação – sobre o outro e sobre o mundo, e não só representação do mundo; é interativo, supondo sempre a presença do outro na enunciação – ou seja, é dialógico; é contextualizado, porque não há sentido fora de contexto; é assumido por um sujeito, que se coloca como fonte de referências e, ao mesmo tempo, indica que atitude está tomando em relação àquilo que diz; é regido por normas – as “leis dos discursos”; é considerado no bojo de um interdiscurso, porque o discurso só adquire sentido no interior de um universo de outros discursos.

A partir desta noção, tem-se a compreensão de que, em todo discurso, há “[...] um complexo processo de [...] produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos [...] de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade” (ORLANDI, 1990, p. 21). Helena H. Nagamine Brandão (2004) ratifica: o discurso é um “fenômeno da linguagem não mais centrado apenas na língua, sistema ideologicamente neutro”, mas, sim, “o ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos linguísticos” (BRANDÃO, 2004, p. 11).

Esses processos vêm ao encontro do que pressupõe o *Newsmaking*, teoria da comunicação que trata o jornalismo como construção social de uma suposta realidade e que, assim como a Análise do Discurso, embasa este trabalho.

2.2. Convergências entre a Análise do Discurso e a Teoria do Newsmaking

Apesar de o discurso jornalístico, segundo Maingueneau (2008), ser, de certa forma antecipadamente legitimado, uma vez que foi o próprio leitor que comprou o jornal ou que decidiu iniciar sua leitura, mostrando confiança no discurso daquele veículo, é necessário analisar o que está sendo noticiado, já que, assim como todo discurso, o “jornalismo não é o discurso da realidade, mas um discurso sobre a realidade” (MORETZSOHN, 2002, p. 79).

Pena (2012) define da seguinte forma o modelo teórico do *Newsmaking*: “é no trabalho de enunciação que os jornalistas produzem os discursos, que, submetidos a uma série de operações e pressões sociais, constituem o que o senso comum das redações chama de notícia. Assim, a imprensa não reflete a realidade, mas ajuda a construí-la” (PENA, 2012, p. 149).

Traquina (2004, p. 168-9), em concordância com Pena (2012), pontua diversas razões para não se conceber a notícia como reflexo da realidade. Uma delas dialoga com o que concebe a Análise do Discurso: a linguagem não pode funcionar como transmissora direta do significado inerente aos acontecimentos, porque a linguagem neutra é impossível. Charaudeau (2009), com o mesmo ponto de vista dos teóricos anteriormente citados, explica:

Não há captura da realidade empírica que não passe pelo filtro de um ponto de vista particular, o qual constrói um objeto particular que é dado como um fragmento do real. Sempre que tentamos dar conta da realidade, empírica, estamos às voltas com um real construído, e não com a própria rea-

lidade. (CHARAUDEAU, 2009, p. 131)

É importante esclarecer que entender as notícias como construção da realidade não implica que essas sejam ficção, sem correspondência com a realidade exterior. Tuchman comenta:

Dizer que uma notícia é uma estória não é de modo algum rebaixar a notícia, nem acusá-la de ser fictícia. Melhor, alerta-nos para o fato de a notícia, com todos os documentos públicos, ser uma realidade construída possuidora da sua própria validade interna. (TUCHMAN, 1976/1993, p. 262 *apud* TRAQUINA, 2004, p. 169)

No entanto, há uma resistência dos profissionais de comunicação à teoria do jornalismo como construção da realidade, pois existe, entre os profissionais da comunicação, uma “fé conservadora de que a linguagem é transparente” (ROEH, 1989, p. 162 *apud* TRAQUINA, 2004, p. 170) e, conseqüentemente, acredita-se que a teoria que concebe a notícia como construção da realidade fere a legitimidade do que é noticiado pelos jornalistas.

Isso ocorre porque “o mito da objetividade [...] é um dos grandes responsáveis pela acolhida que o jornalismo tem. Ainda hoje, o seu discurso se reveste de uma *aura de fidelidade aos fatos* que nos leva a acreditar que o que ‘deu no jornal’ é a verdade” (RIBEIRO, 2000, p. 34). É o que Charaudeau (2009) chama de “efeito de verdade”, baseado na convicção: “[...] o efeito de verdade está mais para o lado do ‘acredito ser verdadeiro’ do que para o do ‘ser verdadeiro’” (CHARAUDEAU, 2009, p. 49). Barthes (1972) já define como “efeito de real”. Em seu artigo homônimo, o autor cita a reportagem (que pode ser entendida como metonímia de jornalismo) como técnica que autentica o real, por ser uma narrativa que faz parecer ou simular a realidade.

Por tudo o que foi exposto, é importante começar a olhar mais criticamente para as notícias, porque, “devido ao seu estatuto privilegiado como realidade e verdade, os poderes sedutores das suas narrativas são particularmente significantes” (BIRD; DARDENNE, 1999, p. 276). Em consonância com a afirmação anterior, Gomes (2008) destaca que a construção da realidade, que caracteriza o discurso jornalístico, é feita por “construções textuais, efeitos de sentido obtidos através do emprego de determinados recursos discursivos” (GOMES, 2008, p. 208).

3. Breve relato sobre a passeata dos cem mil e a imprensa da época

Como objetos de análise, foi selecionada a capa da edição do dia 27 de junho de 1968 de três jornais cariocas: *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *Correio da Manhã*, com recorte para a Passeata dos Cem Mil. A escolha por esses três jornais ocorreu porque a redação¹⁶⁵ de todos eles era no Rio de Janeiro, onde ocorreu a Passeata dos Cem Mil. Assim, os jornalistas desses veículos foram testemunhas oculares do acontecimento, tendo cada um o noticiado de forma diferente.

Nesta seção, será relatada a Passeata dos Cem Mil, com base em livros e dicionário histórico-biográfico, referências mais factuais e descritivas que os jornais. Também será abordada a imprensa da época, com dados estatísticos sobre a circulação dos jornais, ratificando a importância dos veículos impressos para a propagação das notícias nesse período. Por fim, será apresentado um breve resumo histórico dos veículos escolhidos como objetos de análise, para auxiliar no entendimento das diferenças de cobertura e das construções de sentido de cada um deles sobre o acontecimento.

3.1. Sobre a Passeata dos Cem Mil

A Passeata dos Cem Mil foi como assim

[...] ficou conhecida a manifestação realizada no Rio de Janeiro em 26 de junho de 1968, da qual participaram cerca de cem mil pessoas que protestavam contra as violências praticadas pela polícia alguns dias antes no centro da cidade, atingindo estudantes e populares. Promovida pelo movimento estudantil – na época o principal núcleo de oposição ao regime militar instaurado no país em março de 1964 –, a marcha contou também com a participação de intelectuais, operários, profissionais liberais e religiosos, além da adesão maciça de populares. As principais reivindicações dos manifestantes eram o restabelecimento das liberdades democráticas, a suspensão da censura à imprensa e a concessão de mais verbas para a educação. (DHBB, 2010)

O acontecimento foi de grande valor histórico, ocorrido em uma época igualmente marcante – a ditadura militar (1964 a 1985) –, sendo considerado o mais importante protesto deste período até então.

De cima – das escadarias da Assembleia Legislativa, da Biblioteca Na-

¹⁶⁵ Jargão jornalístico que denomina o ambiente de trabalho dos jornalistas de um veículo de comunicação.

cional ou do Teatro Municipal – a visão era a de um espetáculo inédito. As pessoas iam chegando como nos últimos tempos só chegavam ao Maracanã ou aos desfiles de escolas de samba: em grupos alegres, aos poucos, carregando cartazes com palavras de ordem que identificavam os setores – professores, bancários, estudantes secundários e universitários, mães, garis, engenheiros, arquitetos, médicos, padres (VENTURA, 2008, p. 142).

Chammas (2012) ratifica a importância da Passeata:

A passeata dos Cem Mil foi o último momento possível de articulação entre diferentes setores da oposição, pois o acirramento das tensões e a radicalização do movimento estudantil levaram parte das camadas médias a ficar em casa no segundo semestre de 1968. (CHAMMAS, 2012, p. 106-107)

A afirmação que “a Passeata dos Cem Mil marcou o apogeu da luta de oposição que vinha ganhando força desde a posse de Costa e Silva” (CHAMMAS, 2012, p. 94) reitera a relevância do acontecimento.

3.2. A imprensa carioca em 1968

O território da atual cidade do Rio de Janeiro era distrito federal em 1968, onde ocorreu a Passeata dos Cem Mil. Na época, tinha uma população de 4.207.322 habitantes¹⁶⁶. O índice de analfabetismo nessa região, na década de 60, era de 39,5%¹⁶⁷, ou seja, aproximadamente 2.545.430 pessoas eram alfabetizadas.

No mesmo ano, os quatro jornais diários – dos quais três são objetos de análise deste artigo – cuja redação ficava no estado da Guanabara, somavam uma tiragem de 1.356.000 exemplares¹⁶⁸. Deve-se levar em consideração que esses jornais tinham circulação não só no estado da Guanabara, mas também em outras capitais de estados brasileiros, porque o Rio de Ja-

¹⁶⁶ Dado retirado da publicação *on-line* Estatísticas do séc. XX. IBGE. Disponível em: <<http://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais/busca-por-palavra-chave/populacao>>. Data do acesso: 27 dez. 2013.

¹⁶⁷ Dado retirado da publicação *on-line* Estatísticas do séc. XX. IBGE. Disponível em: <<http://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais/busca-por-palavra-chave/educacao>>. Data do acesso: 27 dez. 2013.

¹⁶⁸ Dado retirado da publicação *on-line* Estatísticas do séc. XX. IBGE. Disponível em: <<http://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais/busca-por-palavra-chave/cultura>> Data do acesso: 27 dez. 2013.

neiro foi capital federal até 1960 – ou seja, em uma época ainda recente – e “ainda concentrava os debates políticos de maior influência e repercussão, além de ser o principal centro cultural do Brasil” (CHAMMAS, 2012, p. 13). Então, a tiragem dos jornais, que, a princípio, parece elevada, quando comparada ao número de habitantes da Guanabara e, principalmente, ao de alfabetizados, não era tão expressiva assim. Porém, os jornais foram “o meio de comunicação por excelência” (ANJ, 2009, p. 10), mesmo depois do surgimento da TV, em 1950, e de sua popularização, na década de 1960, quando ocorreu a Passeata.

O fato de a imprensa escrita ter poucos leitores em relação à população total não pesa contra os jornais. [...] As pautas e agendas criadas e definidas pela imprensa escrita são reproduzidas pelos meios de comunicação de maior alcance como o rádio e a televisão, o que confere grande importância à imprensa escrita na articulação de interesses que outras mídias reproduzem. (CHAMMAS, 2012, p. 16)

Vê-se, assim, a força da imprensa como meio de comunicação na época e a importância de se analisar o que era veiculado nesse período, pensando criticamente sobre as possíveis influências que essas notícias tiveram na formação da visão das pessoas sobre a Passeata dos Cem Mil, de acordo com o posicionamento editorial e político de cada jornal.

Correio da Manhã

O *Correio da Manhã*, jornal carioca e matutino, foi fundado em 15 de junho de 1901, pelo advogado Edmundo Bittencourt, sendo considerado atualmente um dos mais importantes jornais brasileiros do século XX. Segundo artigo da Fundação Biblioteca Nacional, este periódico, “mesmo tendo nascido numa época em que a imprensa costumava fazer sempre o jogo do poder, primava por seu caráter independente, liberal e doutrinário, dentro de uma linha editorial combativa”¹⁶⁹. O próprio jornal confirma, já na sua primeira edição, em 15 de junho de 1901, essa posição, que o caracterizou e o destacou dos outros veículos:

A praxe de quantos até hoje se tem proposto a pleitear no jornalismo a causa do direito e das liberdades populares, tem sido sempre o começar por

¹⁶⁹ FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Correio da Manhã*. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/correio-da-manha%3%A3>> Data do acesso: 29 dez. 2013.

afirmar ao público a mais completa neutralidade. O Correio da Manhã desgarrava dessa praxe. Em seu bom senso, nas observações de cada dia, sobejamente sabe o povo que essa nota de neutralidade com que certa imprensa tem por costume carimbar-se é, bastas vezes, um estratagema para, mais a gosto e a geito, poder ser parcial e mercenária. Jornal que se propõe, e quer de véras defender a causa do povo, do commercio e da lavoura, entre nós, não póde ser um jornal neutro. Ha de, forçosamente, ser um jornal de opinião e, neste sentido, uma folha política. [sic] (CORREIO DA MANHÃ, 1901, p. 1)

Essa política editorial, apesar de ter sido decidida bem no início do *Correio da Manhã*, resistiu até o final, tendo o seu auge na ditadura. “Em 1968, o *Correio da Manhã* era uma das principais vozes de oposição ao regime militar e uma referência obrigatória para todos os leitores que buscassem uma visão crítica do Brasil naquele período” (OLIVEIRA, 1998, p. 1).

A Fundação Biblioteca Nacional ratifica a afirmação de Oliveira: “Nenhum outro jornal do Rio de Janeiro deu tanto espaço às manifestações de rua contra os governos de Castello Branco e Costa e Silva, quando policiais e estudantes se confrontavam em embates violentos nas ruas das principais cidades do país”¹⁷⁰. Pode-se tomar como exemplo a cobertura que o jornal fez sobre a Passeata dos Cem Mil.

Em 1968, o *Correio da Manhã* já era visto como um jornal próximo da UNE, defensor do direito de expressão das esquerdas democráticas, do nacionalismo e do descumprimento da legislação autoritária do regime e considerado o único porta-voz, na grande imprensa, das opiniões e denúncias contra as arbitrariedades do regime. (OLIVEIRA, 1998, p. 5)

Apesar da censura, prisões arbitrárias, torturas e outras violências praticadas pelo regime militar, o *Correio da Manhã* continuou fiel a seus princípios, sem deixar de denunciar, na medida do possível, até ser extinto em 1974.

Jornal do Brasil

O *Jornal do Brasil* foi fundado no Rio de Janeiro, em 9 de abril de 1891, pelo advogado Rodolfo Epifânio de Sousa Dantas e pelo diplomata e político Joaquim Nabuco, com a intenção de defender a monarquia recém-derrubada. Ao longo de mais de cem anos de existência, o periódico passou por diversas fases, tendo tido “papel crucial na definição dos rumos da im-

¹⁷⁰ *Ibidem*.

prensa brasileira” (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL)¹⁷¹.

Na época da ditadura, foi um dos mais importantes órgãos da imprensa escrita, “reconhecido por muitos como pioneiro no processo de modernização da imprensa no Brasil e famoso pelas edições que procuravam burlar a censura ao criticar os militares” (CHAMMAS, 2012, p. 12), principalmente depois de decretado o Ato Institucional nº 5, em dezembro de 1968, que deu poderes absolutos ao regime militar. Porém, o *Jornal do Brasil* não abandonou o conservadorismo político.

O JB, com um perfil mais conservador, procurava dialogar com setores do governo considerados “democráticos”. Defendia, assim, a maior parte das ações da ditadura, mas procurava colocá-las sempre nos marcos da redemocratização ou do retorno à normalidade democrática, dando seu voto de confiança ao governo e ao mesmo tempo pressionando-o nesse sentido. Era também um árduo defensor da modernização capitalista, e enxergava na ação dos militares a possibilidade de sucesso dessa modernização estrutural. (CHAMMAS, 2012, p.106)

Em 2010, depois de grave crise financeira, o *Jornal do Brasil* extinguiu a versão impressa e passou para a versão *on-line*, apresentando-se como o primeiro jornal 100% digital do país.

O Globo

Fundado em julho de 1925 pelo jornalista Irineu Marinho, o jornal *O Globo* era inicialmente vespertino. Já na década de 1960, era o maior vespertino carioca, mas não tinha tanta abrangência quanto o *JB* e o *Correio da Manhã*, porque os vespertinos eram jornais de menor impacto. Na década de 70, já matutino, tornou-se a principal referência entre os jornais do Rio de Janeiro.

Quanto à sua política editorial, “O Globo sempre adotou um posicionamento político próximo ao conservadorismo liberal e manteve-se nessa posição ao longo da ditadura militar” (CHAMMAS, 2012, p. 32). O editorial do jornal *O Globo* do dia 02 de abril de 1964, o primeiro depois do golpe militar, ocorrido em 31 de março do mesmo ano, ratifica a sua posição:

¹⁷¹ FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Jornal do Brasil*. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/jornal-do-brasil>> Data do acesso: 29 dez. 2013.

Agora o Congresso dará o remédio constitucional à situação existente, para que o País continue sua marcha em direção a seu grande destino, sem que os direitos individuais sejam afetados, sem que as liberdades públicas desapareçam, sem que o poder do Estado volte a ser usado em favor da desordem, da indisciplina e de tudo aquilo que nos estava a levar à anarquia e ao comunismo. (O GLOBO, 1964, p. 1)

Durante o governo de Costa e Silva (1967 a 1969), o jornal continuou a apoiar as principais teses do movimento militar de 1964. A cobertura que o periódico fez da Passeata dos Cem Mil evidencia o seu apoio ao governo.

Ao longo do tempo, a família Marinho, dona do periódico, expandiu seus negócios e montou um conglomerado de empresas de mídia, chamado de *Organizações Globo*, formado pelas *TV Globo*, *Rádio Globo*, *Editora Globo* e por outros veículos. Atualmente a empresa é considerada a maior da América Latina e o jornal *O Globo* é referência na mídia impressa, ocupando o primeiro lugar no *ranking* dos jornais mais vendidos no estado do Rio de Janeiro e o terceiro lugar no Brasil¹⁷².

4. Análise das estratégias discursivas

Antes de iniciar a análise das capas dos jornais, é necessário explicitar algumas noções discursivas que serão utilizadas durante a análise, como os pressupostos e a seleção lexical.

Fidalgo e Serra (2003) definem o jornalismo como a forma de divulgar a informação comunitariamente relevante. Assim, em sua prática, está intrínseco o ato de comunicar, concebido por Koch (2011) como a montagem do discurso envolvendo as intenções em modos de dizer cuja ação discursiva realiza-se nos diversos atos argumentativos.

Sob o ângulo da informação que se visa transmitir, tem-se o dado e o novo, que, textualmente, vão manifestar-se sob a forma de tema ou de comentário. [...] Mas – e principalmente – há as relações discursivas que se estabelecem entre enunciado e enunciação, a que denominamos ideológicas ou argumentativas. (KOCH, 2011, p. 30)

¹⁷² Dados retirados da publicação *on-line* Maiores jornais do Brasil. ANJ. 2012. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil>> Data do acesso: 18 dez. 2013.

Koch (2011) explica que, nas relações discursivas, estão presentes aspectos relacionados à intencionalidade do falante, à sua atitude perante o discurso que produz, aos pressupostos, enfim, todos os fatores implícitos que deixam, no texto, marcas linguísticas relativas ao modo como é produzido e que constituem diversas modalidades da enunciação.

As pressuposições, os tempos verbais, os modalizadores discursivos, os verbos performativos e a negação, os operadores argumentativos, as relações interfrásticas e as seleções lexicais são exemplos dessas estratégias discursivas. Algumas delas destacam-se no discurso jornalístico, ao revelar intenções do enunciador – no caso, o jornalista, como representante do jornal para o qual trabalha – sobre o que está sendo noticiado, uma vez que, em qualquer enunciado, “captamos, compreendemos, sentimos o *intuito discursivo* ou o *querer-dizer* do locutor que determina o todo do enunciado: sua amplitude, suas fronteiras” (BAKHTIN, 2000, p. 300).

Para melhor compreensão das estratégias discursivas encontradas nas capas dos jornais, foi feito um resumo teórico de algumas mais recorrentes, que constituem o foco deste estudo.

A pressuposição

Ducrot (*Apud* Koch, 2011, p. 65) define pressuposto como as indicações de um enunciado que estão à margem da linha argumentativa do discurso, ou seja, as indicações que um enunciado traz, mas sobre as quais o enunciador não quer (ou faz como se não quisesse) fazer recair o encadeamento. Koch (2011) reforça a definição de Ducrot, ao afirmar que os pressupostos de um enunciado são “os conhecimentos que se devem presumir no ouvinte para que o enunciado possa cumprir sua função informativa” (KOCH, 2011, p. 49). Por isso, o pressuposto é considerado um recurso de aliciamento, de convencimento do leitor sobre o que foi enunciado, uma vez que o locutor expressa suas intenções e seu posicionamento por meio dele.

Maingueneau (2008) elucida o conceito, ao explicar que os pressupostos condicionam de maneira decisiva a interpretação do texto, mas sem ser o objeto de uma asserção explícita. Quer dizer, o enunciado se apoia em orações implícitas – os pressupostos –, que ele considera como adquiridas. Esses pressupostos se opõem aos postos, que são as orações que estão explicitamente afirmadas no texto. Porém, em enunciados com negação, o

posto está negado, mas os pressupostos, não.

Vê-se, assim, que é possível “orientar o discurso, de maneira bastante eficaz, manipulando-se os pressupostos” (MAINGUENEAU, 2008, p. 204), inclusive nos textos jornalísticos. Barreto (2003) confirma a afirmação de Maingueneau, acrescentando que “a pressuposição não só orienta, como até mesmo cerceia o futuro discursivo de um enunciado, pois ela concorre para apontar direções possíveis e para eliminar possibilidades” (BARRETO, 2003, p. 38), como se verá nas capas analisadas.

A seleção lexical

Koch (2011) afirma que há palavras que, colocadas estrategicamente no texto, trazem consigo uma carga poderosa de implícitos. A escolha dessas palavras é chamada de seleção lexical, um recurso retórico-argumentativo de grande importância. A seleção lexical, assim como todo discurso, não é neutra. Como destaca Barreto (2003), “a palavra não é meramente informativa, mas escolhida em função de sua força persuasiva, de forma clara ou dissimulada” (BARRETO, 2003, p. 149).

Muitas vezes, a manutenção dos pressupostos básicos do texto só se torna possível por meio de uma seleção lexical adequada. “Um determinado termo pode servir de índice de distinção, de familiaridade, de simplicidade, ou pode estar a serviço da argumentação, situando melhor o objeto do discurso dentro de determinada categoria” (KOCH, 2011, p. 151). Assim como se verá adiante, na análise das capas, a seleção lexical é utilizada para direcionar o raciocínio do destinatário, delineando algumas conclusões.

5. *Análise das capas dos jornais*

A capa é um rico objeto de análise, por ser, como explica Hernandes (2012), a estratégia inicial do veículo jornalístico para arrebatar a atenção do leitor de forma sensível, por meio de fotos muito grandes, manchetes com letras garrafais e expressões fortes; além de ser o espaço de sustentação da atenção do leitor, por meio dos conteúdos das legendas e de pequenos textos. As duas estratégias citadas anteriormente – de arrebato e de sustentação – são perpassadas, nos veículos impressos, pela relação entre ocupação espacial e valor da notícia, que é dividida em dois planos: o de expressão e o de conteúdo. Ou seja, “o grande espaço tomado na página por

uma notícia (plano de expressão) nos comunica que se trata de algo ‘importante’ (plano de conteúdo)” (HERNANDES, 2012, p. 86-7).

Pela relevância das fotos, legendas, títulos e textos que compõem a capa, como explicado anteriormente, na análise das estratégias discursivas, não foi considerado só o texto escrito, e sim todo o conjunto. Além disso, “a análise de discursos defende a ideia de que qualquer imagem [...] deve sempre ser considerada como sendo um discurso. [...] Nas imagens encontramos intertextualidade, enunciadores e dialogismo, tal como nos textos verbais” (PINTO, 1999, p. 33).

Capa do *Correio da Manhã*

No *Correio da Manhã*, a foto da Passeata ocupa quase meia página e é o que, sem dúvida, chama mais a atenção do leitor. A foto, feita de cima, como se fosse aérea, transmite uma noção de imponência, por mostrar o todo, os “cem mil”. O título, em letras garrafais (“Marcha do povo reúne cem mil”), destaca a grandiosidade do movimento, ao caracterizá-lo como **do povo**, que teve grande adesão popular, justificando o alto número de participantes: **cem mil**. O texto verbal, ocupando boa parte da capa, ratifica a “mensagem” da foto, revelando a posição favorável do jornal à Passeata.

Todos esses aspectos marcados acima corroboram o caráter do veículo impresso, eminentemente opinativo e crítico à ditadura, confirmado no verbete do Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro (DHBB) sobre o jornal, como se pode ler abaixo:

Depois do Ato Institucional nº 1, o *Correio da Manhã* percebeu que havia um claro indício de que se partia para uma ditadura militar. Passou desta forma a denunciar torturas e arbitrariedades. [...] Suas oscilações em relação ao poder haviam sido ditadas pela fidelidade que devotava à Constituição; seu legalismo o levava alternadamente à oposição e à situação, ainda que, mesmo em defesa do governo, mantivesse sempre uma posição crítica. (DHBB, 2010)

A capa do jornal sobre a Passeata dos Cem Mil relata o acontecimento de forma positiva e pacífica, como se pode ver a seguir:

Por seis horas, mais de 100 mil cariocas protestaram contra o Governo apoiando o movimento dos estudantes que, conforme o previsto, foi sem incidentes, com dezenas de discursos de universitários, operários, professores e padres, que “definiram o compromisso histórico da Igreja com o povo”. (CORREIO DA MANHÃ, 1968, p. 1)

O trecho acima exemplifica como o *Correio da Manhã* engrandeceu a Passeata, ao enfatizar o longo tempo de duração (6 horas), o grande número de participantes (mais de 100 mil), além da participação e união de outras classes, como operários, professores e padres, no movimento, como se pode ver em expressões como “mais de 100 mil **cariocas**”, no trecho acima, e “marcha **do povo**”, no título.

A tranquilidade com que ocorreu a Passeata também foi muito destacada pelo *Correio da Manhã*, com extenso uso de adjetivos e locuções adjetivas, como pode ser visto na legenda “protesto **pacífico**” e em trechos como “com **perfeito** dispositivo de segurança, os estudantes garantiram a realização da passeata, **sem depredações**” e “[...] o movimento, conforme o previsto, foi **sem incidentes**”, constituindo índices de avaliação (KOCH, 2011) favoráveis ao acontecimento, feitos pelo enunciador. A expressão **conforme o previsto**, retirada da citação anterior, demonstra que se esperava que a Passeata transcorresse sem incidentes. Por ser o jornal o enunciador, na figura do repórter, subentende-se que o jornal tinha essa expectativa, essa confiança, mostrando-se, mais uma vez, favorável ao grupo estudantil. Se a expressão “conforme o previsto” não estivesse no enunciado, o pressuposto seria outro: o de que se esperava que ocorressem incidentes na passeata.

No pequeno espaço da capa, o *Correio* conseguiu relatar diversos aspectos da Passeata, dando indício da ampla cobertura que o jornal fez do acontecimento em 15 páginas internas. Alguns aspectos são: os principais oradores; a participação da igreja católica; o trajeto da Passeata; o movimento estudantil em outros estados brasileiros; o governo, que se mostrou satisfeito com os rumos da manifestação; os policiais, responsáveis pela prisão de cinco estudantes que distribuíam panfletos.

Com a análise da capa do *Correio da Manhã*, vê-se que a Passeata foi a grande reportagem da edição do dia 27 de junho de 1968 do jornal, apesar de este dar espaço a outras matérias na capa, como o ataque a um Quartel General do Exército, em São Paulo, acontecimento que teve maior destaque nos outros dois jornais analisados neste artigo, como se verá adiante.

Capa do *Jornal do Brasil*

O *Jornal do Brasil (JB)*, por sua vez, publicou uma foto panorâmica

da Passeata, mas “recortada”, que não dava a dimensão do todo. A imagem, apesar de ocupar um tamanho considerável na primeira página do jornal e chamar a atenção, não veio acompanhada de um título que desse destaque à Passeata. Inicialmente, em uma análise superficial, se poderia dizer que o jornal, com o título “Governo criará em 48 horas Grupo de Trabalho para Reforma Universitária”, enfatizou as decisões do governo sobre a manifestação (ainda por vir, como explicita o verbo criar no futuro do presente, no título), em vez de direcionar o foco para a Passeata propriamente dita, como quando relata a reunião do Presidente da República com os Governadores para apresentar o projeto da Reforma Universitária, ressaltando a abertura dos governantes à participação dos “estudantes, e se possível, de toda a Nação, no debate do projeto”. Porém, em uma análise mais atenta, vê-se que há um implícito muito forte e sério: no título, o jornal responsabiliza o governo para uma ordem futura. Ao focar numa consequência da Passeata, numa reivindicação, o *JB* mostrou-se olhar além, ao noticiar o acontecimento, como uma forma de cobrar, mesmo que implicitamente, ações do governo. Das três capas analisadas, a do *JB* é a única que avança nesse sentido.

Declarações de representantes do governo sobre a manifestação também foram noticiadas na capa, como o elogio do Ministro Tarso Dutra em relação ao grupo estudantil, ao afirmar que pôde testemunhar “um grande sentimento de responsabilidade por parte dos estudantes”, como também do Ministro Gama e Silva, que enalteceu a ação do governo, ao dizer que o Governo Federal agiu certo em permitir a manifestação sem policiamento ostensivo. Observa-se, em ambos os trechos acima, um juízo de valor, tanto sobre os estudantes na passeata, quanto sobre a ação do governo (“grande sentimento de responsabilidade” e “agiu certo”), constituindo índices de avaliação (KOCH, 2011) feitos pelo enunciador. Na primeira declaração, sobre os estudantes na passeata, o *JB* utilizou as aspas, numa forma híbrida¹⁷³, como um recurso para se isentar da declaração e não relacionar a fala citada, que é de elogio à ação dos estudantes na passeata, ao seu ponto de vista. Já na segunda declaração – “o Ministro Gama e Silva disse que o Governo federal agiu certo em permitir a manifestação sem policiamento ostensivo” –, o *JB* utilizou o discurso indireto, em que o locutor usa suas

¹⁷³ A forma híbrida, neste caso, é uma ilha, denominada assim quando o trecho de um discurso indireto contém algumas palavras atribuídas aos enunciadores citados, marcadas por aspas ou itálico (MAINGUENEAU, 2008, p. 151).

próprias palavras para traduzir o discurso do citado, incorporando o discurso do outro, que é de elogio ao governo, ao seu próprio discurso.

Ao relatar que “**sessenta mil pessoas**, entre estudantes, padres, freiras, mães, professores, intelectuais, operários e populares participaram da passeata estudantil de ontem, **durante a qual não houve nenhum incidente** e terminou em frente ao Palácio Tiradentes”, o jornal, ao mesmo tempo em que descreveu a ordem e a participação de vários grupos na manifestação, estimou um número bem menor de presentes, em relação ao que o *Correio da Manhã* publicou, além de pressupor, na oração “durante [a Passeata] não houve nenhum incidente”, que havia a possibilidade de que ocorresse algum incidente.

Todos esses detalhes observados estão em consonância com o recorte proposital da foto feito pelo *Jornal do Brasil*: deu-se destaque a um acontecimento que não poderia ser ignorado, mas evitou-se elogiá-lo e mostrar a sua real abrangência, por ser a Passeata contra o regime militar e não condizer com a política editorial do jornal, a favor dos militares, como se pode ver no verbete do DHBB sobre o veículo:

O *Jornal do Brasil* se mostrou contrário à candidatura do ministro do Exército, o general Artur da Costa e Silva. Nesse período, suas críticas voltavam-se contra o governo, não atingindo, porém, o próprio regime militar. Com a morte de Costa e Silva e a ascensão do general Emílio Garrastazu Médici, o jornal voltou a apoiar o governo. (DHBB, 2010)

Ao descrever os grupos que apoiaram a manifestação, o jornal deu destaque à participação do clero, “que teve o objetivo de conseguir tranquilidade e ordem” – o que pode ser explicado pelo fato de o jornal “definir-se como um órgão católico” (DHBB, 2010). Porém, mesmo com o apoio desses vários grupos, o *JB* deixou claro que os estudantes estavam no comando da Passeata, como mostra o trecho a seguir: “os estudantes decidiram dar ao Governo uma semana para libertar os presos, pôr fim à repressão, reabrir o Restaurante do Calabouço e acabar com a censura artística”.

Na capa, o *JB* também abordou outros aspectos da Passeata, como o trajeto percorrido, a participação de Vladimir Palmeira como líder do movimento, a suspensão das aulas nas universidades cariocas e os confrontos entre policiais e estudantes em outras capitais brasileiras, sem, neste caso, posicionar-se a favor ou contra um dos grupos. O contrário ocorreu, na chamada de capa sobre o ataque ao Quartel General do II Exército, em São Paulo, em que o *JB*, com expressões como “a força do terror”, “subversão”,

entre outras, dá um tom mais trágico ao acontecimento do que o *Correio da Manhã*, por exemplo, que apenas noticiou o atentado, sem qualificá-lo de subversivo ou terrorista. A seleção lexical “a força do terror”, “subversão”, feita pelo *JB*, para qualificar o ataque ao Quartel General do II Exército, constitui uma importante estratégia de argumentação, que reforça o discurso do jornal a favor do governo e dos militares, colocando-os como vítimas.

O *JB*, ao dar destaque ao atentado ao QG do Exército, na capa, tira a Passeata da centralidade do primeiro plano, o que se pode chamar de uma estratégia de enviesamento, ou seja, afastar-sedo que foi dito no primeiro plano, que, até então, chamava a atenção do leitor para a Passeata. Assim também fez *O Globo*, como se verá a seguir.

Capa do *Globo*

O Globo publicou uma foto que revela ainda menos a grandiosidade da Passeata, se comparada a do *Jornal do Brasil* e ao *Correio da Manhã*. A imagem é “recortada”, com pouco destaque, e tanto o título, “Passeata sem incidentes”, quanto o pequeno texto na capa não fazem menção à quantidade de pessoas presentes na manifestação, a não ser quando informam, numa legenda de foto, com letras pequenas, que “milhares de manifestantes ouviram Vladimir Palmeira (em pé sobre uma camioneta) na Candelária”, o que indica desinteresse em mostrar, em detalhes, a grande adesão das pessoas à Passeata. *O Globo*, com o título “Passeata sem incidentes”, nega a ocorrência de incidentes, mas, assim como o *JB*, pressupõe que havia a possibilidade de que houvesse algum.

A primeira página dá espaço a outras três fotos isoladas do acontecimento, que mostram a participação do clero, de mães em defesa dos filhos e de pessoas famosas, com legendas meramente descritivas, como “Padres e freiras representam clero”; “Mães saíram na passeata com cartazes” e “Chico Buarque também esteve na avenida”. O texto sobre a Passeata, na capa do *Globo*, é curto e cita apenas uma página interna de cobertura sobre a manifestação – quando, na verdade, foram seis, número igual ao do *JB*. É possível identificar, em alguns trechos publicados pelo *Globo*, a abrangência da Passeata, como no recorte a seguir:

Intelectuais, representantes do clero, artistas e mães juntaram-se ontem aos estudantes em **grande manifestação pública** que começou às 11 horas na Cinelândia, diante da Assembleia Legislativa, e **viria a terminar 5 horas depois**, após a passeata que desceu a Avenida Rio Branco até a Candelária.

(O GLOBO, 1968, p. 1) (Grifos nossos)

Porém, assim como fez o *JB*, *O Globo* deu destaque a um acontecimento que não poderia ser ignorado, mas é nítida a preocupação do jornal em apresentar o governo de forma positiva, como se estivesse no controle da situação, às vezes como vítima, como se vê a seguir:

Os manifestantes tiveram plena liberdade de ação e corresponderam ao apelo das autoridades, pelo que não se registraram incidentes nem se fez necessária a repressão policial. Líderes estudantis falaram na Cinelândia e na Candelária, reiterando “slogans” pela reforma do ensino e **atacando o Governo**. (OGLOBO, 1968, p. 1) (Grifos nossos)

O Globo, ao relatar que “os manifestantes tiveram **plena liberdade de ação**”, atribui um índice de avaliação (KOCH, 2011). Ao se referir à passeata, o jornal enalteceu o governo, como se este tivesse permitido que a Passeata ocorresse. Ao também afirmar que “os líderes estudantis falaram [...] **atacando o Governo**”, sem sequer exemplificar esses ataques, o jornal colocou o governo numa posição de vítima.

O fato de o veículo ter sido considerado, à época, “o mais governista dos jornais” (DHBB, 2010) é justificado, por exemplo, pelo posicionamento apresentado pelo jornal na cobertura que fez sobre a Passeata, como também nas outras chamadas de capa, como: o atentado ao Quartel General II do Exército, em São Paulo, cuja notícia sobre o acontecimento teve exatamente o mesmo espaço que o da Passeata – em uma estratégia de enviesamento da atenção do leitor, assim como agiu o *JB* – e foi relatada com uma carga de tragédia, com uma seleção lexical dramática – igualmente como fez o *JB* –, que reforça o discurso do jornal a favor do governo e dos militares, como “camioneta do terror” e “comovida solidariedade”; a matéria sobre a Reforma universitária, cujo título é “Reforma universitária impõe GT em 48 horas”, em que é perceptível, no uso do verbo **impor**, o esforço do jornal em colocar o governo como vítima e numa posição de falsa pressão, destoando do que noticiaram os outros jornais analisados (o *Correio da Manhã* sequer fez chamada sobre o Grupo de Trabalho para reforma universitária na capa e o *JB* o fez, de forma objetiva, em um tom de cobrança mais enfático, afirmando uma ação futura do Governo); o destaque dado ao elogio do governador à Passeata, que pode ser considerado exagerado, por conta das expressões utilizadas destacadas no trecho abaixo:

[...] o governador Negrão de Lima **regozijou-se** pelo fato de as manifestações terem transcorrido sem perturbação da ordem. Acrescentou que o seu apelo nesse sentido fora “**plenamente atendido**” e por isso **se sentia feliz**,

terminando por afirmar: “**A cidade está de parabéns**”. (OGLOBO, 1968, p. 1) (Grifos nossos)

Observa-se que *O Globo*, no trecho acima, utilizou aspas para marcar os elogios do governador à passeata e à cidade, isentando-se da declaração e não considerando a fala citada como o seu ponto de vista.

A publicação do editorial – tipo textual que “permite que se percebam com clareza os interesses do jornal e a construção que este faz da realidade a partir das suas próprias notícias e reportagens para fundamentar suas opiniões” (CHAMMAS, 2012, p. 17) – na capa é a principal estratégia do *Globo* para corroborar o seu posicionamento político, ao exaltar a ação do governo sobre a crise educacional – mesmo que tenha sido inócua.

6. Considerações finais

Com a análise da edição dos três jornais, viu-se que algumas estratégias discursivas marcam o posicionamento do enunciador – no caso, o jornalista, representante do jornal. É notável uma orientação argumentativa, que indica um modo de ver o acontecimento, diferente nos discursos dos três jornais analisados, contrariando, assim, a natureza neutra e imparcial do que prega o jornalismo. Cada jornal elegeu e organizou, a partir de um mesmo acontecimento central – a Passeata dos Cem Mil –, diferentes fatos, o que gerou notícias que apresentaram realidades distintas.

O *Correio da Manhã*, ao dar amplo destaque à Passeata na capa, apresentou-a de forma positiva, pacífica e grandiosa, por meio de índices de avaliação, confirmando a sua política editorial favorável ao movimento estudantil e contrária ao governo militar. *O Globo*, ao contrário do *Correio*, deu bem menos importância à Passeata, perceptível nas fotos, no título e nos índices de avaliação do texto, e, sempre que possível, foi elogioso ao governo, colocando-o como vítima. O *Jornal do Brasil*, por sua vez, com uma cobertura sucinta e objetiva sobre o acontecimento, mostrou-se apreensivo com o movimento estudantil, mas não se mostrou favorável ao governo, como se apresentou *O Globo*. Como se pôde ver na análise, o *JB*, em alguns trechos da capa, fez cobranças ao governo, mesmo que de forma implícita.

Com o trabalho de análise, reforça-se também o que concebem a Análise do Discurso e a Teoria do *Newsmaking*: de que todo discurso é uma

construção da realidade. A ideia de que o jornalismo retrata o real é possível porque grande parte do público brasileiro não se engaja nas explicações sociológicas ou antropológicas da realidade social e, assim, a realidade produzida pelas imagens e narrativas midiáticas é uma fonte crucial de constituição de mundo, como explica Jaguaribe (2007). Deste modo, alguns leitores que tiveram acesso a apenas um jornal, ou seja, a um ponto de vista, erroneamente podem considerá-lo como o retrato da realidade.

Na década de 1960, época da edição dos jornais analisados, os baixos níveis de escolaridade, além das restrições de comunicação e de transporte (para participar ativamente do acontecimento), dificultavam uma leitura inteligente sobre o acontecimento, que engloba a experiência de vida do leitor sobre o episódio, o acúmulo de informações e conhecimentos, além, é claro, a sua visão crítica sobre o que vê e lê. Então algumas pessoas realmente acreditavam que o que liam no jornal, ou o que viam na TV, ou o que ouviam no rádio era a verdade. Atualmente é mais fácil fazer essa leitura inteligente, por causa da internet, da popularização e maior acessibilidade aos vários meios de comunicação, além das mídias alternativas e do nível de escolaridade da população, que aumentou consideravelmente. Assim, a partir da leitura integrada, a mídia, como “testemunha ocular”, passa cada vez mais a ser vista como fonte histórica, articulando memória e sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJ – Associação Nacional de Jornais. *Imprensa brasileira: dois séculos de história*. 2009. Disponível em: <[http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/historianobrasil/arquivos-em_pdf/Imprensa Brasileira dois seculos de historia.pdf](http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/historianobrasil/arquivos-em_pdf/Imprensa_Brasileira_dois_seculos_de_historia.pdf)> Data do acesso: 18 dez. 2013.

_____. *Maiores jornais do Brasil*. 2012. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil>> Data do acesso: 18 dez. 2013.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARRETO, Sílvia Lúcia dos Santos. *Estratégias discursivas e o humor na publicidade televisiva*. 2003. 230 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

BIRD, S. Elizabeth; DARDENNE, Robert W. Mito, registros e ‘estórias’: explorando as qualidades narrativas das notícias. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. São Paulo: Unicamp, 2004.

CHAMMAS, Eduardo Zayat. *A ditadura militar e a grande imprensa: os editoriais do Jornal do Brasil e do Correio da Manhã entre 1964 e 1968*. 113 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-13122012-101040/pt-br.php>> Data do acesso: 23 dez. 2013.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2009.

CORREIO DA MANHÃ. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, p. 1, 15 jun. 1901. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/089842/per089842_1901_00001.pdf> Data do acesso: 29 dez. 2013.

_____. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 27 jun. 1968. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/correio-manha/089842>> Data do acesso: 14 out. 2013.

DHBB. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV CPDOC, 2010. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>>. Acesso em: 15 dez. 2013.

FIDALGO, António; SERRA, Joaquim Paulo. *Informação e Comunicação Online: Jornalismo Online*. vol. 1. Covilhã, Portugal: Universidade da Beira Interior, 2003. Disponível em: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110829-fidalgo_serra_ico1_jornalismo_online.pdf> Data do acesso: 13 mar. 2014.

FIORIN, José Luiz. Tendências da Análise do Discurso. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 19, pp.173-179, jul./dez., 1990. Disponível em: <<http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/cel/article/view/3022/2503>> Data do acesso: 06 jan. 2014.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Correio da Manhã*. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/correio-da-manh%C3%A3>> Data do acesso: 29 dez. 2013.

_____. *Jornal do Brasil*. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em:

<<http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/jornal-do-brasil>> Data do acesso: 29 dez. 2013.

GOMES, Regina Souza. A modalização em reportagens jornalísticas. In: *Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*. Rio de Janeiro: UFRJ, v. 4, p. 207-221, 2008. Disponível em: <<http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br/index.php/revistadiadorim/article/view/149/158>> Data do acesso: 13 jan. 2014.

HERNANDES, Nilton. *A mídia e seus truques: o que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. In: *Estatísticas do séc. XX*. Disponível em: <<http://seculoxx.ibge.gov.br/>>. Data do acesso: 27 dez. 2013.

JAGUARIBE, Beatriz. *O choque do real: estética, mídia e cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

JORNAL DO BRASIL. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 27 jun. 1968. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/jornal-do-brasil/030015>> Data do acesso: 10 out. 2013.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Argumentação e linguagem*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MORETZSOHN, Sylvia. *Jornalismo em tempo real: o fetiche da velocidade*. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

O GLOBO. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 1, 02 abr. 1964. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=196019640402C&e dicao=Matutina>> Data do acesso: 27 dez. 2013.

_____. *O Globo*. Rio de Janeiro, 27 jun. 1968. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=196019680627>> Data do acesso: 20 nov 2013.

OLIVEIRA, Gil Vicente Vaz. 1968 visto pelas lentes do Correio da Manhã. In: *Revista Acervo*, Arquivo Nacional, v. 2, n. 1/2, p. 1-23, 1998. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/primeirosescritos/sites/www.historia>

uff.br.primeirosescritos/files/Artigo%20Gil%20Vicente.pdf> Data do acesso: 17 dez. 2013.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1990.

PENA, Felipe. *No jornalismo não há fibrose: e outros ensaios críticos sobre a imprensa*. Rio de Janeiro: Cassará, 2012.

_____. *Teoria do jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2008.

PINTO, Milton José. *Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos*. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. A mídia e o lugar da história. In: *Lugar Comum – Estudos de mídia, cultura e democracia*. Rio de Janeiro, n. 11, p. 25-44, 2000.

SARDELICH, Maria Emilia. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. In: *Cadernos de Pesquisa*, v. 36, n. 128, p. 451-472, maio/ago, 2006.

TRAQUINA, Nelson. As teorias do jornalismo. In: _____. *Teorias do jornalismo*. Florianópolis: Insular, 2004. p. 145-204.

VENTURA, Zuenir. *1968: o ano que não terminou*. 3. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.

ANEXOS

Capa do *Correio da Manhã*, edição do dia 27 de junho de 1968.



Capa do *Jornal do Brasil*, edição do dia 27 de junho de 1968.



Capa do *Globo*, edição do dia 27 de junho de 1968.

